

meios de produção, a produção de mercadorias se achará suprimida e assim a tirania exercida pelo produto sobre o produtor", escreve êle com tôda a pompa de que é capaz seu estilo árido. "A anarquia dentro da produção social será substituída por uma organização conciente sistemática. Cessa a luta pela existência individual. E' sòmente graças a isso que o homem consegue, num certo sentido, separar-se definitivamente do reino animal para passar de condições de existência animais a condições verdadeiramente humanas. O âmbito das condições vitais do homem, que até agora o haviam dominado, passa, por sua vez, a ser regido e controlado pelo homem que, pela primeira vez, se torna concientemente senhor verdadeiro da natureza, porquanto veio a ser senhor de sua própria organização social. As leis de sua própria conduta social que os homens tinham até agora enfrentado como leis estranhas que os dominavam, passam a ser aplicadas por êles com pleno conhecimento de causa e a serem assim submetidas à sua vontade. A própria organização social dos homens, que consideravam, até agora, como imposta pela natureza e pela história, torna-se um ato livre. As potências estranhas objetivas que dominaram até agora a história passam a ser controladas pelo próprio homem. E' sòmente a partir dêsse momento que os homens serão, em tôda conciência, os próprios artífices de sua história. Sòmente daí por diante é que as causas sociais postas em ação por êles originarão de modo preponderante e numa proporção cada vez maior, os efeitos almejados. A humanidade saíta do reinado da necessidade para o da liberdade".

Foi Engels principalmente que situou a vinda da síntese num futuro próximo, de modo a tornar possível que os próprios apóstolos partilhem da salvação ainda em vida e venham a ser testemunhas e cidadãos do novo mundo. Foi sua febril impaciência que originou êsses erros de cálculo quanto ao momento exato do advento da salvação que tanto lembram as profecias dos tessalônicos, dos montanistas, de Joaquim de Celico e dos milenários, o que faz Francisco Mehring lamentar amargamente:

"A certos respeito" escreve êste ardente apóstolo do marxismo, "a evolução histórica se tem processado de outro modo e antes de tudo mais vagarosamente do que os autores do manifesto comunista pensavam. Quanto maior a distância a que alcançava sua vista, tanto mais reduzido lhes parecia êsse afastamento. Na verdade, sem essa sombra, a luz não teria surgido. Temos aí um fenômeno psicológico já verificado por Lessing nos homens que "conseguem desvendar acertadamente o futuro": "O que a natureza consegue realizar só em milhares de anos de tempo tem de amadurecer durante o curso efêmero de sua existência". No presente caso, é verdade que Marx e Engels não se enganaram em milhares de anos, mas, todavia, num número redondo de decênios. Quando redigiram o manifesto, julgavam já que a evolução do sistema capitalista de produção havia al-

cançado um grau de desenvolvimento a que nem hoje ainda atingiu. Isso ressalta ainda mais nitidamente do esboço do que do próprio manifesto. Lá Engels diz que, nos países civilizados, quasi todos os officios estão industrializados e que, em quasi todos os ramos de atividade, o trabalho manual e a manufatura foram suplantados pela grande indústria".

Ao passo que Engels, o mais fiel amigo de Marx, ligado a êste pelos laços mais estreitos não chega a suportar com a mesma rigidez e a mesma firmeza do seu amigo a visão universal de implacável terror, nos outros discípulos, apóstolos e exegetas, os quadros de salvação não tardam a substituir cada vez mais o grande drama. Assim se explica que, ainda durante a sua vida, possa acontecer que, enquanto em redor dêle se estava constituindo um poderoso movimento operário, o número de seus amigos intelectuais fique reduzido a um e mesmo êste único não o compreenda perfeitamente.

A concepção que as massas pelo ano 1880 faziam do marxismo foi claramente caracterizada por um socialista alemão: "Muitos se afastaram dos cristãos e de sua promessa de redenção depois da morte e atiraram-se sobre a esperança de que a redenção que deveria livrá-los do seu vale de lágrimas, haveria de suceder ainda durante sua vida graças ao socialismo".

Entretanto, o profeta fica cada vez mais isolado. Sua obra portentosa destinada a provar quão imprescindível se torna a luta até o aniquilamento da ordem existente, passa quasi despercebida. Ainda seus últimos anos de vida estão cheios de invectivas contra as repetidas tendências conciliatórias que se manifestam dentro do movimento socialista. Quando as "trade-unions" inglesas exigem uma lei que estipule o dia de dez horas de trabalho, Marx vitupera contra elas e declara que semelhantes "peias da grande indústria" sòmente podem servir para abrandar a luta das classes em vez de exacerbá-la. Repele com a mesma veemência a aspiração dos social-democratas de obter a proibição do trabalho infantil. Semelhantes postulados que tendem a minorar a miséria parecem-lhe meramente "reacionários".

Até entre seus próprios genros, vê-se Marx obrigado a registrar tendências claramente divergentes das suas: "Longuet na qualidade de último partidário de Proudhon, e Lafargue na qualidade de último discípulo de Bakunin! Que o diabo os leve!" escreve êle a Engels, com o coração cheio de amargura, pouco tempo antes de sua morte.

Depois dêle ter falecido e de o terem seus fiéis levado à sepultura, o movimento operário respira aliviado, exatamente como em outros tempos o fizera, a Inglaterra depois da morte de Cromwell. Êsses homens do século XIX, na sua maioria, já não eram capazes dessa embriaguez de pavor de que foram possuídas, nos séculos passados, as multidões do cativo babilônico, do ano 1000, do frade Venturino e que as impelia a ir ao encontro da pretensa salvação em cortejos extáticos de flageladores. O mundo, ao qual as doutrinas